

A AUTONOMIA COMO PROCESSO EDUCATIVO

CARLOS HENRIQUE SANTOS; MARLENE RAMIRES

*Universidade Federal de Pelotas – hnrqccss@live.com
Universidade Federal de Pelotas – ramires.marlene44@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A todo tempo me pego refletindo sobre os medos dos outros, o medo de tocar, de abrir portas e ocupar espaços, estes públicos ou institucionalizados, fato é que, simplesmente estar presente em forma física não basta. Principalmente nestes lugares que são também espaços de troca de saberes e de discussão sobre as questões substanciais da vida. É necessário, portanto, que você se torne ativo e produtivo dentro destes locais.

E como conquisto minha autonomia? E tão, ou, mais importante do que a liberação pessoal; como liberto o outro?

Quando que crescemos sendo estimulados o tempo todo por imagens, pelas cores de uma cidade cada vez mais saturada de publicidade que tenta vender o belo a preço de feira para estimular o consumo de um ideal inexistente. E como negá-lo, quando é esta a referência que possuo? E a arte se torna motivo de agonia quando não consigo representar uma construção que meu olhar sofreu.

Para estes que sofreram a coerção escolar do decoro de um material que muitas vezes está distante da realidade social. Estes que durante os anos da escola simplesmente aprenderam a reproduzir e a obedecer. E que ao invés de se situar no mundo, foram privados dele, por permanecer por mais de dez anos trancados numa escola, numa sala de aula.

A partir deste texto, convido-os(as) a refletir sobre o cenário atual da educação e o impacto que consigo observar nos jovens adultos que chegam no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas. Além de abordar algumas possibilidades no ensino das artes, desenvolvidos e operados a partir de observações empíricas, em que o afeto e a valorização do outro são ferramentas fundamentais para a construção da autonomia.

2. METODOLOGIA

Como eu aprendo? E como ensino?

Não há para mim uma dissociação entre arte, filosofia e educação. Gosto de pensar que a filosofia me motiva a pensar e que a arte pode comunicar, podendo, assim, assumir um papel pedagógico.

E quando me refiro a filosofia como uma ferramenta de ensino eu to falando do método socrático de observação do tempo, da natureza e o questionamento das realidades em vigência, desenvolvido na Grécia antiga. Um método capaz de despertar a sensibilidade pois estimula os sentidos nos ajudando a compreender a matéria através das sensações.

E de que modo, podem as sensações nos ensinar a trabalhar com materiais plásticos?

Posso falar da minha experiência como monitor no ateliê de cerâmica do Centro de Artes. Quando chega uma pessoa nova no grupo a primeira coisa que costumo fazer é relatar a rotina do ateliê. Logo depois proponho uma prática que se resume a dispor o barro para que seja investigado dentro das possibilidades que as técnicas podem atingir.

Nesse caso, não é o professor que fica entre o material e o aluno, mas sim, a matéria assume papel educativo, quando através da sua textura, umidade ou ressecamento, guia a mão do ceramista comunicando os processos naturais que sofre por ser barro. Matéria orgânica, produto da natureza. Portanto, a argila, como Sócrates, propõem um exercício de observação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda é cedo para elucidar o resultado dessa pesquisa-ação. Pois esta ainda está em curso.

O que se pretende ao longo dos próximos meses, é a construção coletiva de um forno de barro, o qual será construído apenas com material encontrado no próprio local de instalação; além de testar outros procedimentos de queima para cerâmica, como o forno de papel - opção ideal para realizar a queima de peças pequenas e médias, uma alternativa para desenvolver oficinas de cerâmica em escolas -, buscando acessar técnicas que nos libertem das opções convencionais.

E também a construção de uma escultura coletiva que será construída a partir de peças modeladas pelas pessoas que passarem pelas oficinas.

4. CONCLUSÕES

Concluo aqui que o objetivo da minha pesquisa é coletar informações acerca dos processos empreendidos na técnica do barro afim de construir um pensamento holístico em relação ao modo de fazer e o que fazer com os recursos que estão a nossa disposição.

E atentar sempre a responsabilidade ambiental do artista em relação aos materiais e técnica.

Encorajando e estimulando a autonomia do artista propondo alternativas aos meios convencionais, como uma forma de resistência a um mundo de soluções rápidas, mas de grande impacto ambiental; e investigação poética no campo de arte e natureza e arte vida.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FLUSSER, V. A Lua. **A Nuvem**, Porto Alegre, p. 29 - 36, 2013;
- JOUBERT, L. Ciência e Arte: novos paradigmas na educação e resultados profissionais. **A Nuvem**, Porto Alegre, p. 146 – 167
- KHOURI, M. M. Rizoma e Educação: Contribuições de Deleuze e Guattari. Acessado em 09 out. 2017. Online. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/198.%20rizoma%20e%20educa%C7%C3o.pdf